

JÁ VAI BEM LONGE...

Waldemar Scheliga*

O primeiro contato que tive com orquídeas, foi lá para os fins da década de 20, em São Paulo. Meu tio Abílio cultivava algumas *Laelias purpurata* e *Cattleyas intermedia* no fundo do quintal, para desespero de minha avó que achava que tais "parasitas" davam azar e atrasavam a vida. Tio Abílio não se perturbava e foi prova viva de que o preconceito corrente sobre ser a orquídea planta aziaga não é verdadeiro. Prosperou na vida e morreu bem velho. Tive ocasião de acompanhá-lo às reuniões de orquidófilos, viajando prosaicamente de bonde, cada qual com um vaso de orquídea no colo, fazendo a maior sensação entre os demais passageiros. Dele recebi a primeira lição de que orquídeas são epífitas, nada tendo a ver com parasitas.

Mas, ainda não foi naquela época que a "Mosca da *Cattleya*" me ferrou. Minha família mudou-se para o Rio de Janeiro e não pensei mais em orquídeas.

Na década de 40, quando construí casa de veraneio em Teresópolis, tive novo encontro com orquídeas. Ao preparar o jardim da nova casa, alguns meninos vieram oferecer mudas de plantas decorativas e, entre elas, vieram algumas orquídeas que, amarradas às árvores foram vivendo e florescendo sem maiores cuidados. Mais tarde, numa velha pereira apareceram espontaneamente tufos de *Oncidium pumilum* e *Oncidium raniferum*. Em seguida descobri no alto de um esguio ipê uma touceira de *Oncidium crispum*. Isto foi despertando cada vez mais o meu interesse por essas fascinantes plantas e, em pouco tem-

po, possuía um pequeno plantel que, depois que me aposentei, foi rapidamente aumentando e seu cultivo passou a ser o passatempo preferido. Com a aquisição de livros especializados, nacionais e estrangeiros, assim como as lições aprendidas com os acertos e desacertos do dia a dia, fui aprimorando os métodos de cultivo. Mesmo assim, cheguei à conclusão de que em matéria de trato com orquídeas, volta e meia deparamos com surpresas e portanto ninguém pode se considerar cultivador perfeito e acabado; porque mesmo como "macaco velho" a gente de vez em quando ainda dá algumas mancadas, sendo mais uma lição que se aprende e, também por isso, as orquídeas nos subjugam, ao nos desafiarem a cuidá-las!...

Desde a minha aposentadoria, há já 16 anos, posso me dedicar inteiramente a essa paixão que tornou-se o centro do meu interesse e lazer, livrando-me do tédio que costuma atormentar os inativos.

Com o falecimento de minha querida mulher, não havia mais razão para manter sozinho a casa de Teresópolis e, assim, dividi o acervo transferindo toda a coleção de plantas cultiváveis em clima quente para a casa do meu filho em São Conrado e as que gostam do frio levei para Petrópolis onde reside minha filha. Desta forma passei a praticar diferentes métodos de cultivo, não só quanto ao clima, como também devido a diferentes instalações. No Rio as plantas ficam ao ar livre em vasos pendurados nas árvores. Em Petrópolis existe uma estufa e um ripado coberto de sombrite.

Desde então, passo 4 dias no Rio e 3 em Petrópolis, não só cuidando de orquídeas, mas, também desfrutando o carinho de meus filhos, netos e bisneto.